

DAR MUNDO AO CORAÇÃO
ESTUDOS SOBRE MIGUEL TORGA

Organização de Carlos Mendes de Sousa

Prefácio de Eduardo Lourenço

INTRODUÇÃO

Carlos Mendes de Sousa

«Vem até mim, onda que trazes vida!
Soro da redenção!
Vem como o sangue doutra mãe pedida
Na hora de dar mundo ao coração!»

Miguel Torga, «Ode», *Diário III*, 1946

O presente volume reúne os textos das comunicações apresentadas no Colóquio Miguel Torga, realizado em Paris nos dias 17 e 18 de Outubro de 2007, no Centro Cultural Calouste Gulbenkian.

Depois da publicação em francês nas Editions La Différence, com o título *Miguel Torga, écrivain universel*, o livro é agora dado a conhecer aos leitores portugueses.

Esta homenagem ao autor de *A Criação do Mundo* em França revestiu-se de particular significado simbólico. O primeiro livro de Miguel Torga publicado neste país (*Bichos*) saiu justamente sob a chancela do Centre Culturel Calouste Gulbenkian, em co-edição com as Presses Universitaires de France, numa tradução da responsabilidade de Claire Cayron. É justo que se evoque aqui a memória da tradutora, cujo nome se encontra intimamente ligado à divulgação da obra de Torga junto dos leitores de língua francesa, homenageando, deste modo, um percurso marcado por uma dedicação exemplar ao legado do escritor português.

Arche (título da edição francesa de *Bichos*) foi publicado em 1980. Esta década constituiu um período áureo no que diz respeito à recepção da obra torguiana em França; além das traduções, que se sucederam na década seguinte, os livros do escritor foram objecto de uma assinalável fortuna crítica na imprensa e em

revistas especializadas. O culminar desse reconhecimento manifestou-se institucionalmente nas homenagens e prémios recebidos. Refira-se, neste contexto, a relevância da condecoração atribuída a Miguel Torga pelo Presidente da República François Mitterrand, em 2 de Junho de 1989, com o grau de Oficial das Artes e Letras. Recorde-se ainda, a propósito, o que lemos numa carta do epistolário passivo do escritor, datada de 1988, assinada por Jacques Lang, Ministro da Cultura na época. Ao convidar Torga para participar numa manifestação em torno da literatura portuguesa contemporânea (*Les Belles Etrangères*), escreve o seguinte: «*votre présence aurait une valeur symbolique très importante pour le public français pour qui vous incarnez le Portugal*».

É frequente depararmo-nos com testemunhos de leitores estrangeiros que declaram terem sido levados a descobrir Portugal através da obra de Torga. O mesmo ocorre com muitos portugueses, ou filhos de portugueses no estrangeiro, que, por razões diversas, encontraram na obra de Torga uma forma de aproximação às raízes de um país que precisavam de conhecer. Os dois dias do Colóquio (assim como a realização de ateliers, na véspera, sob a coordenação do Prof. José Manuel Esteves) trouxeram-nos essa raiz e essa presença viva.

Desde muito cedo, o projecto de escrita de Miguel Torga assentou na ideia de representar Portugal, a partir da forte convicção de que no local se contém a mais funda expressão da universalidade, cujo fim último é chegar à essência do humano. É nesse sentido que deve ser entendido o seu programa em torno da dimensão ibérica e a sua reflexão sobre o modo português de existir. Em 1942, registava no volume II do *Diário*: «Só depois de bem avaliar as suas características particulares e de as caldear a seguir no grande lume universal, pode um qualquer ser ao mesmo tempo cidadão de Trás-os-Montes e cidadão do mundo.» Talvez ninguém melhor do que Sophia de Mello Breyner Andresen tenha condensado essa

verdade, quando afirmou que Miguel Torga é «um poeta que através de uma apaixonada consciência do país natal nos ensina a procurar a verdade universal da nossa habitação humana do terrestre».

Durante o ano de 2007, tendo participado em diversas manifestações celebrativas do centenário do nascimento de Miguel Torga, pude ter uma percepção clara de como um acto comemorativo não se limita à letra morta ditada pela circunstância do calendário. Pude testemunhar o fascínio continuado pelo exemplo cívico do escritor, pela diversidade genológica da obra, pela sua escrita cinzelada. A adesão de muitos leitores, em especial de leitores jovens, revelou a realidade de um legado que continua a dar mostras de uma extraordinária vitalidade.

O volume que agora se edita representa justamente a concretização do propósito que esteve na origem de muitas das manifestações realizadas a pretexto da data evocativa: a revisitação da obra do escritor. Os ensaios aqui compilados constituem um contributo notável para uma revitalização dos estudos sobre o autor de *Contos da Montanha*, ajudando a rever o retrato do homem e do escritor. O clima de diálogo que se gerou durante o Colóquio pode adivinhar-se nas leituras aqui apresentadas, que registam distintas perspectivas de análise sobre alguns dos aspectos mais relevantes da profundidade e da diversidade da obra de Torga.

Começo por lembrar uma imagem que Eduardo Lourenço apresenta no belíssimo prefácio, ao falar da importância da religião na obra do autor de *O Outro Livro de Job*, quando se refere a um «Orfeu-Cristo, mito em que cedo Torga se investiu». O livro ajuda-nos a compreender muitas outras faces de um escritor que, como afirma Manuel Alegre no seu testemunho, vivia em permanente interrogação: «Como toda a grande literatura, a obra de Torga é uma máquina interrogativa. Não há receitas, nem certezas, nem dogmas. Nada é fácil, mesmo quando parece. O poeta interroga-se e interroga-nos.»

Cristina Robalo Cordeiro dá conta de um assinalável exemplo de projecção de uma obra literária, reportando-se a uma dinâmica que está para além daquilo que pode ser estudado no estrito âmbito das disciplinas de literatura. É importante referir o facto de a ensaísta falar enquanto directora da Casa-Museu Miguel Torga, lugar que a leva a ver as coisas com uma perspectiva amplificadora, observando o «fenómeno de propagação energética» do texto torguiano através de adaptações e reescritas em diversos planos interartísticos.

Sobre a repercussão de Torga além-fronteiras, concretamente em Espanha, escreve Eloísa Alvarez. Referindo-se ao impacto da obra do autor de *Poemas Ibéricos* neste país, faz uma leitura das notícias publicadas na imprensa espanhola nos dias imediatamente a seguir à morte do escritor. A dialéctica entre o enraizamento e a abertura ao mundo exterior na obra do autor de *Libertação* é interpretada num ensaio de Maria Graciete Besse.

As questões em torno do retrato constituem um dos eixos de leitura que suscitaram neste volume uma demorada atenção crítica. A problemática do sujeito, no interior do vastíssimo *corpus* autobiográfico de Miguel Torga, é abordada por Ettore Finazzi-Agrò assim como por Vincenzo Arsillo, que se debruçam sobre *A Criação do Mundo*; e ainda por Paulo de Medeiros e Luís Mourão, cujas leituras incidem no *Diário*, especialmente no último volume.

Também Catherine Dumas nos fala do *Diário*, mas centrando-se na leitura dos poemas ali incluídos, uma das grandes singularidades desta monumental obra autobiográfica. Torga viu-se a si mesmo, acima de tudo, como poeta e naturalmente que a poesia ou as figurações do poeta estão presentes em muitas páginas dos múltiplos géneros que cultivou. Isso mesmo pode ser lido na análise que Clara Rocha faz do conto «Bambo». Contrariando a representação do animal fixada no imaginário popular, o sapo de Torga «tem a imprevista grandeza dum poeta e dum sábio».

Muitos dos nossos maiores poetas admiraram a concisão e a luminosidade da poesia do autor de *Orfeu Rebelde*; sobre isso escreve Fernando J.B. Martinho, ao apresentar o diálogo que Sophia de Mello Breyner Andresen, Eugénio de Andrade e Manuel Alegre estabeleceram com Miguel Torga. A poesia é ainda analisada por Teresa Rita Lopes sob um ângulo preciso (que implica um diálogo com Fernando Pessoa): a leitura de *Poemas Ibéricos*. Aliás, na análise de Teresa Rita Lopes confluem duas vertentes que serão exploradas em outras leituras – a presença do iberismo e o destaque concedido à figura do anti-herói.

Teresa Araújo lê justamente a presença de Espanha em «O Quarto Dia» de *A Criação do Mundo*. A questão do anti-heróismo reaparecerá em outros ensaios como no de Maria de Fátima Marinho, que faz uma detalhada análise da figura do pícaro nos contos e na novela *O Senhor Ventura*. Os contos mereceram igualmente a atenção de Maria Helena Santana e de Maria Helena Carreira, sob o ângulo da simplicidade das figuras e da depuração da linguagem. Torga foi considerado um autor maior na arte breve do conto. No entanto, a ficção de largo fôlego suscitou-lhe um grande fascínio. Maria Alzira Seixo analisa de forma admirável os textos *Vindima* e *O Senhor Ventura*; a construção do romance e o processo de reescrita da novela dão conta da mestria do autor neste campo. Uma das áreas menos tratadas da obra de Torga – o teatro – mereceu uma atenta e renovada atenção da parte de Graça dos Santos.

Com certeza que este livro nos vai ajudar a ler melhor a escrita de um autor que fascina, no seu estilo «ao mesmo tempo preciso e eloquente, singular e harmonioso, nu e vivo, unido e livre», para me servir das palavras sintetizadoras de Marcello Duarte Mathias.

Gostaria de expressar a minha gratidão ao Sr. Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, Dr. Emílio Rui Vilar, a quem se deveu a iniciativa de homenagear Miguel Torga, na cidade de Paris, pelo

convite que me foi dirigido para coordenar este colóquio internacional dedicado à obra do escritor.

Desejo igualmente agradecer o apoio do Sr. Director do Centro Cultural Gulbenkian, Dr. João Pedro Garcia, e da coordenadora da Biblioteca, Dr.^a Teresa Salgado, com quem trabalhei, em estreita colaboração, ao longo de vários meses.

Gostaria de relevar o apoio incondicional da Prof.^a Clara Rocha, agradecendo-lhe a pronta cedência de materiais inéditos para integrarem a exposição apresentada no âmbito do Colóquio (fotografias, documentos pessoais de Miguel Torga, cartas dirigidas ao escritor, primeiras edições, manuscritos de poemas).

Agradeço ainda à Prof.^a Cristina Robalo Cordeiro, directora da Casa-Museu Miguel Torga, a autorização para reproduzir neste volume fotografias do espólio do escritor, assim como à Direcção Regional da Cultura do Norte, na pessoa da sua directora, Dr.^a Helena Gil, que, no âmbito da exposição comemorativa do centenário de Miguel Torga, providenciou a digitalização das imagens aqui reproduzidas (a digitalização é da responsabilidade do fotógrafo António Pinto).